



Inspiração Miscelânea

Jornal feito em parceria com o Diretório Acadêmico de Arquivologia
Gestão 2010-2011 – Ed. nº8 – Junho de 2011

EXPEDIENTE

Coordenação

Bruno F. Leite
Flora Sineiro

Divulgação e diagramação

Alessandra Perez
Flora Sineiro

Revisão

Profa. Rosale de M. Souza

Entrevistas

Edgar de C. Santana
Fernanda Blanco
Gabrielle do Rosário W. Correia

Chargista

João Anderson

**Especial I Congresso
Brasileiro de
Paleografia e**

EDITORIAL

Mais uma vez o *Inspiração Miscelânea* conta com excelentes contribuições. Desta vez, trazemos uma edição especial, com diversos olhares sobre o I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática. Dentre os textos sobre o ICBPD estão: “O Primeiro Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática”, do prof. João E. Franklin Leal (DEPA/UNIRIO); “I Congresso de Paleografia e Diplomática”, de Carolina Moraes Franklin (9º período – Arquivologia/UNIRIO); “I CBPD: Um olhar além do acadêmico”, de Ana Carolina Miotti (7º período – Arquivologia/UNIRIO); e, na seção *InformArquivo*, uma análise do Diretório

Acadêmico de Arquivologia José Pedro Pinto Esposel (DACAR/UNIRIO) sobre o I CBPD. É isso mesmo, temos quatro textos sobre o I Congresso de Paleografia e Diplomática. Quase dominou toda esta edição! Em vista disso, registramos esta edição como especial sobre o Congresso. Parabéns aos organizadores e participantes. Mas não paramos por aqui. Contamos também com os seguintes textos: “Resposta à Balada das Arquivistas de Vinícius de Moraes”, da profa. Rosale de Mattos Souza (DEPA/UNIRIO); “Contradições”, de Bruno F. Leite (6º período – Arquivologia/UNIRIO); e “Numa tarde de Maio”, de Cjica Blanco (6º período – Arquivologia/UNIRIO)

Leia também, nesta edição, na seção “Rapidinhas”: informações sobre o XV ENEArq 2011; um texto sobre a I Conferência Nacional de Arquivos – CNARQ; e outro sobre o Encontro de Profissionais de Arquivos Municipais.

Boa leitura e não se esqueça de acessar nosso site: <http://inspiracaomiscelanea.tk/>
Linha editorial:

1) Nosso jornal é um espaço que não tem vinculação com política partidária, de livre circulação de idéias e opiniões, porém estas deverão, no mínimo, tangenciar a Arquivologia e/ou suas questões;

2) Toda e qualquer opinião será respeitada e devidamente publicada. Ressalvamos, contudo, que acusações ou críticas diretas devem ser fundamentadas com fatos, dados ou opiniões de outros autores. Por exemplo, textos, notícias de jornais e/ou demais registros. Não objetivamos com isso realizar censura a determinados textos/autores, buscamos apenas dar um norte aos textos e que os mesmos tenham fundamentos claros;

3) Nosso público-alvo – assim como nossos colaboradores –, serão os discentes, docentes e os formados do nosso curso;

4) Temos como objetivo manter uma linguagem leve, informativa, reflexiva, crítica.

A Equipe

Análise Prof. João E. Franklin Leal

O Primeiro Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática, que aconteceu em Campos dos Goytacazes, entre 18 e 20 de Maio de 2011 foi um ato que fez abrir uma nova página da história da Paleografia e da Diplomática no Brasil e possivelmente na América Latina. Desde 1990, quando organizamos, em São Paulo, a realização do Primeiro Encontro de Paleografia e Diplomática, que foi sucedido pelo Segundo Encontro também em São Paulo (1993), pelo Terceiro no Rio de Janeiro (1998), pelo Quarto em Porto Alegre (2006), pelo Quinto novamente no Rio de Janeiro (2008) e pelo Sexto em Vitória (2010) que desejávamos a possibilidade de que houvesse um evento, de maiores proporções, como um congresso. O sonho foi então realizado ! Com a ajuda imprescindível de pelo menos três setores , empenhadíssimos no sucesso, aconteceu o que deverá ser o início de nova era da Paleografia e da Diplomática na vida acadêmica e cultural brasileira. Com base, no empenho e propósito, do Núcleo de Paleografia e Diplomática da UNIRIO de realizar o evento, tivemos a ventura de contar com a Associação dos Arquivistas do Estado Rio de Janeiro, AAERJ, que assumiu de forma inequívoca sua materialização, com a participação decisiva de seus dirigentes, com o Diretório Acadêmico de Arquivologia da UNIRIO que se empenhou profundamente para o ótimo resultado do Congresso e de uma intensa participação de estudantes e com o Arquivo Municipal de Campos dos Goytacazes que hospedou o evento de forma primorosa. Bom lembrar que este arquivo é considerado um dos dez melhores arquivos municipais do Brasil, tendo um fantástico prédio jesuítico como sede, um acervo arquivístico colonial e imperial de grande importância e um corpo de funcionários e arquivistas extremamente profissional e competente. Conjugado a tudo isto o Primeiro Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática teve a presença de um público que, além de lotar continuamente o auditório do Palácio da Cultura, era

extremamente participativo e interessado. À presença de nomes renomados da Paleografia e Diplomática com suas conferências, aliou-se também a de estudantes que proferiram grandes apresentações . Ficou evidente que uma nova geração se inicia no trato da Paleografia e Diplomática, seguindo e implementando o trabalho dos atuais mestres. Este foi também um dos objetivos do Congresso: abrir caminhos aos novos, democratizando o conhecimento. A Paleografia e a Diplomática devem, cada vez mais, se apresentar não como um conhecimento conduzido por poucos, e seguido por alguns, mas como disciplinas e técnicas que devem invadir, cada vez mais, os campos técnicos e científicos de variadas áreas do conhecimento como a história, a filologia, a arquivologia, a biblioteconomia, a museologia e o direito. Tanto a Paleografia como a Diplomática tem que assumir uma postura que ultrapasse os limites acadêmicos e tornem conhecimentos produtivos e de resultados para a sociedade. Importantíssimo é a tradição acadêmica das teorias e práticas destes conhecimentos, mas se quisermos que elas não se fossilizem, que elas não se mantenham como meras elucubrações academicistas, teremos que dar um pragmatismo ao seu resultado final, um pragmatismo de resultado social e até econômico. Muito importante também foram as recomendações finais do Congresso, que pautaram com medidas que falam da necessidade de se ter como obrigatórias, as disciplinas Paleografia e Diplomática nos currículos universitários de arquivologia e história; da necessidade de criação de uma Câmara Técnica de Paleografia e Diplomática junto ao Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ; da necessária existencia de Cursos de Extensão ou de Aperfeiçoamento em Paleografia, especialmente no Arquivo Nacional, e abertos ao público. Foi também proposto e aprovado que os congressos de Paleografia e Diplomática se repitam, a cada dois anos, sendo o próximo programado para o ano de 2013, no Rio de Janeiro. Isto muito se justifica pois o Rio de Janeiro é, sem dúvida, o maior centro de documentação manuscrita da América Latina traduzida em seus acervos localizados no fantástico Arquivo Nacional, no Arquivo do Itamarati, no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, no Arquivo Geral da Cidade, no Arquivo da Biblioteca Nacional, no Arquivo da Cúria Metropolitana, no Centro de Documentação da Marinha, além de outros . A nossa universidade, UNIRIO, com seu Curso de Arquivologia, o primeiro do Brasil e possivelmente da América Latina, juntamente com outras instituições

de ensino e pesquisa aqui existentes, tem o dever de, mais e mais, promover o desenvolvimento do estudo e da prática da Paleografia e da Diplomática para assim exercer e cumprir, em plenitude, seu dever perante a sociedade que a financia.

**Professor Prof. João E. Franklin Leal
DEPA - UNIRIO*

Análise de Carolina Moraes Franklin

O I Congresso de Paleografia e Diplomática ocorreu entre os dias 18 e 20 de maio de 2011, na cidade de Campos dos Goytacazes. Este congresso é fruto de anos de trabalho do professor de nossa universidade João Eurípedes Franklin Leal, ou simplesmente professor Franklin. Como dia 18 coincidiu com o aniversário de 9 (nove) anos do Arquivo Público Municipal de Campos, a solenidade de abertura do Congresso ocorreu em sua sede, em Tocos. Contou com a Presença do Diretor do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Paulo Knauss e com o Diretor do Arquivo de Campos, Carlos Roberto Bastos Freitas. A solenidade foi encerrada em grande estilo com um grupo de Jongo, tradicional dança de origem africana, e com um ótimo coquetel.

O congresso foi organizado em quatro conferências: Conferência sobre Arquivos Municipais, Conferência D. Jean Mabillon, Conferência De Re Diplomática e Conferência Goytacazes. O professor Franklin apresentou seu trabalho sobre “O Cartulário do Itapemirim e a Estrada Real S. Pedro de Alcântara”, na Conferência D. J. M.; mesma conferência que participou Heloisa Liberalli Bellotto (USP). Também tivemos a presença de Jaime Antunes (Diretor do AN e Presidente do CONARQ), Paulo Knauss (Diretor do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro), Marcelo Nogueira de Siqueira (AN / CONARQ) e Mauro Lerner Markowski (Coord. de doc. escritos do AN).

Sabemos que os congressos universitários têm várias utilidades: fazer novas amizades, estreitar relações com os “banbanbans” da área, adquirir mais conhecimento e conhecer lugares novos. Para mim, o I Congresso de Paleografia e Diplomática colocou tudo isso num pacote só. Pude conhecer melhor os meus colegas de faculdade. Pude ouvir a Bellotto falar sobre sua posição a respeito da Arquivologia estar mais ligada ao Direito e a Administração do que a CI e a História e ouvir seus argumentos; isso foi

muito legal. Pude ouvir uma palestra ótima sobre “Documentos Musicais: Método Investigativo Amplo”, ministrada por Mary Ângela Biason (Museu da Inconfidência de Ouro Preto - MG); isso vai acrescentar muito em meu TCC1. Enfim, o Congresso foi ótimo em todos os sentidos.

Existe uma outra função que o Congresso cumpriu, a de fazer seus participantes amarem mais a sua área de atuação. Voltei para minha rotina universitária encantada com a área, não só de Paleografia e Diplomática, mas da Arquivologia voltada para os arquivos permanentes. Não tenho mais dúvida de que é com isso que eu quero trabalhar. Espero viver mais momentos acadêmicos nesse estilo.

Todos que participaram de sua organização estão de parabéns, inclusive o professor Franklin e o nosso DA.

** Carolina Moraes Franklin
Aluna do 9º período Arquivologia -UNIRIO*

I CBPD: UM OLHAR ALÉM DO ACADÊMICO

**Por Ana Carolina Miotti*

Entre os dias 18 e 20 de maio foi realizado o I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática, na cidade de Campos dos Goytacazes, norte do estado do Rio de Janeiro. Foi um evento singular, que reuniu autores consagrados do meio arquivístico, além de profissionais e, logicamente, alunos, a maior parte oriunda dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e História. Gostaria de relatar minhas impressões sobre o Congresso, esclarecendo que não virei a tratar especificamente dos temas em questão.

Como discente do curso de Arquivologia da UNIRIO, os demais alunos e eu não saímos do Rio na hora prevista. Bem, isto é algo comum, nem me espanto mais com os famosos atrasos. Nossa viagem correu bem, muito animada por sinal. O professor Franklin, com sua inconfundível gentileza, agradava a todos com guloseimas - para dizer a verdade, nunca deixamos de ser crianças! A primeira parada foi em Casimiro de Abreu, onde fomos almoçar. Meu caso foi bem peculiar porque tive a oportunidade de conhecer pessoas que passavam por mim despercebidas.

Já em Campos, uma verdadeira novela! Mesmo sendo a maior cidade do interior fluminense, carece bastante de infraestrutura turística. Sim, a

proposta não era fazer turismo, mas havendo possibilidade, aproveitamos para conhecer um monumento ou outra coisa, principalmente quando se trata de um lugar onde você jamais esteve. Pelo menos, consegui andar um pouco pelo Centro – muito semelhante à Madureira, bairro da zona norte carioca – pois a abertura estava marcada para as seis horas da tarde.

Após várias incertezas, finalmente tinha chegado o ônibus que nos deixaria no Arquivo Público Municipal, que está bem distante do Centro, estando localizado no distrito de Tocos. Os alunos da UNIRIO e da UFF foram juntos, além de outras pessoas. Lembro-me de que chegou a um determinado ponto onde havia escuridão total, somente a Lua podia ser vista. Porém, o destaque daquela noite foi o motorista – ele dirigia em velocidade absurdamente alta, e, por causa disto, passei a chamá-lo de “Sebastian Vettel”, já que parecia que estávamos numa pista de Interlagos, Bahrein ou coisas afins. Houve aqueles que lhe disseram que sua marca devia ser melhorada – e pior que ele acreditou...

O Arquivo Público de Campos foi criado em 2001 e o prédio, na verdade, é uma igreja que data do século XVII. De fato, trata-se de um lugar isolado que, certamente, dificulta o acesso da população – se bem que a mesma sabe de sua existência, o que é algo bastante improvável. Não posso dizer muito sobre a abertura, devido ao atraso (apesar de o Sebastian Vettel campista ter dirigido a 180 km/h). Pelo menos, pudemos ouvir o discurso (longo) do diretor do Arquivo Nacional. Também houve a apresentação de um grupo local de jongo. Para mim, que gosto de bichos, foi um prazer conhecer a Gisele – assim chamada em homenagem à famosa modelo – uma cadela esfomeada que não parava um instante quando eu queria tirar uma fotografia sua. Depois, voltamos para o Centro, cada um para o seu destino.

Os outros dias tiveram sua programação no Palácio da Cultura, no Parque Avenida Pelinca – o bairro mais movimentado da cidade. No primeiro dia, foram realizadas palestras sobre arquivos municipais, tendo havido participação dos diretores do Arquivo Nacional e também do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. O desfalque foi a prefeita Rosinha Garotinho, confirmada segundo a programação. Mas, o que se pode esperar? Enfim, isto é outra história. A tarde contou com as palestras de Heloísa Bellotto e, claro, do nosso professor Franklin, o mais aplaudido daquela tarde. No dia seguinte, as palestras foram mais voltadas à paleografia e diplomática, destacando o glossário elaborado por Ana Regina

Berwanger, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e as partituras de Mary Angela Biason, do Museu da Inconfidência, com uma fala informal e cheia de conhecimento. Nos dois dias, houve as comunicações livres, onde trabalhos foram apresentados. Para fechar com chave de ouro, foi lançado o livro “Glossário de Paleografia e Diplomática”, de autoria do professor Franklin e Marcelo Nogueira de Siqueira, do Arquivo Nacional e que está lecionando atualmente na UNIRIO.

Logo após o término, houve um coquetel com direito à música clássica ao vivo. Depois disto, o pessoal da UNIRIO seguiu para o Rio. A viagem de volta foi animada, com direito a fotografias e guloseimas. No ônibus, estavam conosco Heloísa Bellotto e Esther Bertoletti, criadora do Projeto Resgate da Biblioteca Nacional e grande homenageada do I CBPD.

O Congresso foi bem sucedido, apesar de algumas falhas. As principais moções foram a de tornar a disciplina Paleografia obrigatória para os cursos de Arquivologia e História – como historiadora, tive a oportunidade de cursá-la, já que os créditos eram exigidos e era bem interessante – e a abertura do curso de Paleografia oferecido pelo Arquivo Nacional para o público em geral. Além de proporcionar conhecimento, o evento contribuiu para a integração de calouros e veteranos da UNIRIO e também possibilitou fazer novos contatos. Quanto a isto, fiquei bastante satisfeita.

A proposta de realizar o CBPD a cada dois anos foi lançada e, provavelmente, o próximo destino será a UNIRIO. Agora, basta esperar este evento, que foi de grande importância não somente para a área, mas também para nossa formação, ou seja, de futuros arquivistas. Assim, aproveito a bela frase do professor Franklin: “Cuidado com o que vocês sonham, pois os sonhos podem se tornar realidade”. Então, até o próximo CBPD!

**Por Ana Carolina Miotti*

Aluna do 7º período de Arquivologia - UNIRIO

ANÁLISE PELO DACAR

**Por Felipe Teixeira Lourenço*

Nos dias 18 a 20 de Maio realizou-se em Campos dos Goytacazes o I congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática, organizado pela AAERJ (Associação dos arquivistas do Estado do Rio de

Janeiro) e ACAP (Associação Cultural do arquivo público de Campos dos Goytacazes) e que contou com o Apoio da Prefeitura de Campos, Arquivo Nacional, UNIRIO entre outros e com uma pequena colaboração do DACAR.

O Professor Franklin Leal da UNIRIO e um dos organizadores do evento define paleografia como: “o estudo técnico de textos antigos, na sua forma exterior, que compreende o conhecimento dos materiais e instrumentos para escrever, a história da escrita e a evolução das letras, objetivando sua leitura e transcrição”, e diplomática como: “ a ciência que nos permite distinguir os documentos autênticos dos falsos ou falsificados e a analisar sua tipologia”. Portanto áreas que interessam e dialogam com diversos campos do saber como a arquivística, a biblioteconomia, o direito, a história, a linguística entre outros.

O que se pode observar no I CBPD foi mais ou menos isso, essa torre de babel de campos do saber onde encontramos profissionais e estudantes de diversas áreas com intuito de aprender e de dividir conhecimentos em prol da paleografia e a da diplomática, durante 3 dias fomos presenteados com palestras de profissionais como João Eurípedes Franklin da UNIRIO, Marcelo Nogueira de Sigueira do Arquivo Nacional, Heloisa Bellotto da USP, Ana Regina Berwager da UFRGS, Esther Bertolotti da Biblioteca Nacional entre outros, além disso conhecemos o Arquivo Municipal de Campos, um dos maiores arquivos municipais do Brasil, assistimos um espetáculo de jongo na abertura do evento, além é claro da prática neste caso extremamente prazerosa de conhecer uma cidade e pessoas novas.

Pode-se falar que o sucesso do evento é proporcional a alegria do professor Franklin ao fim do mesmo e que a UNIRIO foi bem representada tanto por seu corpo docente como por seu corpo discente, esse é um tipo de evento que tem muito a oferecer tanto para alunos como para profissionais da área e que eu acredito que seja essencial para nossa formação profissional e que apesar de toda dificuldade que temos como estudantes, estagiários, pesquisadores e com nosso afazeres pessoais devemos sempre arrumar uma maneira de estar participando. Enfim o I CBPD foi um sucesso em todos os sentidos e me alegra ver que neste evento o corpo discente da UNIRIO compareceu com um quantitativo bem maior do que o CNA realizado em Vitória no ano passado, agora é esperar que as trocas que aconteceram neste congresso incentivem os alunos a participarem cada vez mais deste tipo de evento e esperar por Julho e que venha o ENEARQ.

**Por Felipe Teixeira Lourenço*
Diretor de Relações Externas – DACAR
UNIRIO

NUMA TARDE DE MAIO

**Por Chica Blanco*

A loucura é um estado de espírito ou a loucura é algo inalterável, incurável? A louca deve ser perdoada, tratada com medicamentos ou consolada? Quem era a mais louca daquela sala de aula naquela segunda? Por que ela seria “a louca” por tentar quebrar tudo em volta e correr para a janela do terceiro andar? E finalmente: A loucura é contagiosa ou será que é apenas o caminho para a verdade?

Ela foi tida como louca, por eles e por mim. Me magoou, me prejudicou e me largou ali, no caos. Juliana surtou de vez ou enfim descobriu a razão de tudo, uma das duas opções... Ela estava aparentemente fora de si, logo a minha pacata menina magrinha de voz baixa. Sua serenidade passou a ter cor negra e seus olhos transbordavam choro e fúria. O descontrole pode ser assustador e traumatizante, até o ponto em que trauma pode significar algo ruim, mas eu não sei até onde eu fiquei destruída por ela ou ela me reconstruiu. Só sei que depois disso, nunca mais seremos as mesmas.

Eu a segurei, mas podia ter segurado mais. Se ela tivesse morrido eu seria culpada por minha consciência, mas braços fortes não eram o que ela mais precisava ali. Eu não dei foi o abraço que ela tanto necessitava. Nós soltamos as mãos dadas e uma das duas fugiu pra um plano diferente, mas quem estava no mundo real ali, quem estava na fantasia? Será mesmo que (nós, os outros) estávamos certos?

Juliana, eu pensei que você nunca iria ler isso, mas hoje eu passei pelo mesmo que você na segunda. E chorei sozinha, tão sozinha quanto te deixei naquela noite. Te deixei porque eu não tive forças pra suportar ver a dor que sentia. Não tinha forças porque estava tão louca (ou sóbria) quanto você. Nós sofremos do mesmo mal, da mesma sorte. E agora entendo quando um dia me disse que talvez fossemos almas gêmeas... As pessoas sempre colocavam maldade na nossa relação. Pessoas loucas são estas, que preferem ver o lado polêmico de tudo ao invés de repararem no tão simples amor de uma amizade verdadeira. Nós duas não precisávamos nos

beijar para nos amarmos. É algo que não depende do físico, uma coisa de compatibilidade mental mesmo, de alma...

Sorte do ser humano que pelo menos um dia vai tentar desistir da vida e explodir de raiva pela humanidade. É na raiva que está a chave para o entendimento. É preciso passar por ela pra descobrir o caminho da paz e eu ainda estou no início de tudo, mas a minha magrinha com certeza já está perto do que deseja. E isso me conforta, entendê-la é o melhor presente que eu poderia receber. Então hoje está nomeado o meu dia particular da noção da vida. Esse dia valerá por todos os anos e o aprendizado será eterno. Está na hora de esquecermos um pouco das regras que foram inventadas por pessoas que nem nos conheciam. Deixar de lado as leis que só beneficiam os privilegiados pelo sangue. Por uma vida menos focada no que é material. Passear numa praia de noite com alguém que te faça rir ainda é uma das coisas mais legais do mundo, então, mil vezes obrigada, Juliana. Se você for mesmo louca como dizem, que bom, pois não está sozinha. Eu também sou.

** Por Chica Blanco*

Aluna do 6º período – Arquivologia UNIRIO

BALADA DAS ARQUIVISTAS

**Por Vinícius de Moraes*

Oh jovens anjos cativos
Que as asas vos machucais
Nos armários dos arquivos!
Delicadas funcionárias
Designadas por padrões
Prisioneiras honorárias
Da mais fria das prisões
É triste ver-vos, suaves
Entre monstros impassíveis
Trancadas a sete chaves:
Oh, puras e imarcescíveis!
Dizer que vós, bem-amadas
Conservai-vos impolutas
Mesmo fazendo a juntada
De processos e minutas!
Não se amargam vossas bocas
De índices e prefixos
Nem lembram os olhos das loucas
Vossos doces olhos fixos.
Curvai-vos para colossos
Hollerith, de aço hostil
Como se fora ante moços
Numa pavana gentil.
Antes não classificásseis

Os maços pelos assuntos
Criando a luta de classes
Num mundo de anseios juntos!
Enfermeiras de ambições
Conheceis, mudas, a nu
O lixo das promoções
E das exonerações
A bem do serviço público.
Ó Florences Nightingale
De arquivos horizontais:
Com que zelo alimentais
Esses eunucos letais
Que se abrem com chave yale!
Vossa linda juventude
Clama de vós, bem-amadas!
No entanto, viveis cercadas
De coisas padronizadas
Sem sexo e sem saúde...
Ah, ver-vos em primavera
Sobre papéis de ocasião
Na melancólica espera
De uma eterna certidão!
Ah, saber que em vós existe
O amor, a ternura, a prece
E saber que isso fenece
Num arquivo feio e triste!
Deixai-me carpir, crianças
A vossa imensa desdita
Prendestes as esperanças
Numa gaiola maldita.
Do fundo do meu silêncio
Eu vos incito a lutardes
Contra o Prefixo que vence
Os anjos acorrentados
E ir passear pelas tardes
De braço com os namorados.

**Por Vinícius de Moraes
in Antologia Poética*

RESPOSTA À BALADA DOS ARQUIVISTAS

**Por Rosale de Mattos*

Oh! Jovens anjos, agora libertos.
Que alçam vós altos e rasantes
Nos sites, portais, facebooks, Twitters
Dinâmicas funcionárias
Que querem divulgar os acervos documentais
Designadas pela competência
Pró-ativas pensam no mercado.
Numa atualização constante de conhecimentos
Competitivas vão à luta!
Do mais intenso instrumento de liberdade da área:
A comunicação nos arquivos
Compraz-me ver-vos, enérgicas.
Sem chaves, mas com cem chaves de informações.
Conservai-vos impolutas!

Mesmo fazendo a juntada,
De processos e minutas
Mesmo fazendo autuação
Apensação e anexação
Vós sois feitas para o pronto atendimento
Elaboram índices, instrumentos, bases de dados.
Os olhos fixos nas telas
Dos arquivos digitais,
Promovem o acesso dos cidadãos
Aos direitos fundamentais
Classificam, ordenam, avaliam, e destinam
As caixas e os maços por assuntos e tipologias
documentais
Diluindo a luta de classes
No uso democrático dos direitos iguais
Num mundo de anseios juntos!
Conheceis mudas ou falantes.
Os prêmios das promoções
Demonstrando competência, rapidez e exatidão.
A bem do serviço público
Oh! Heroínas do papel e do meio digital
Dos arquivos que independem do suporte
Com que zelos os alimentam e preservam
Que se abrem com chaves e senhas
Abandonem os grilhões do passado!
Vossa linda juventude
Clama por vós, bem-amadas.
No entanto, viveis cercadas.
De padrões que levam à interação
Sobre papéis e redes de comunicação
Na alegria do atender
Às mais diversas demandas
Num eterno movimento
Que nunca fenece
De um arquivo cheio de luz e alegria
As vossas imensas asas
Vão espalhar esperanças
Libertas, soltas desde crianças
Num espaço bendito
Do fundo do meu falar
Eu vos incito a lutardes
Contra o prefixo que vence
Oh! Os anjos, que agora libertos.
Passeiam por todos os meios
De braços com a vida
Sem grilhões com os namorados
Nos espaços dos arquivos que liberam
Que comprovam e informam
De braços com a vida
Das organizações e das pessoas
Dos indivíduos e das famílias.
O papel dos arquivistas
Facilitam a democracia
Libertam os povos e a sociedade!
Oh! bravos arquivistas!
Agora, anjos que libertam!
Que antes comprovam do que informam!
Que trazem luz à escuridão dos arquivos.

CONTRADIÇÕES

*Por Bruno Ferreira

Houve um tempo, não muito distante, em que algumas opiniões imperavam frente outras. Essas opiniões “emergentes” eram, por vezes, classificadas como subversivas. Hoje, temos o direito de divergir, de ler, ouvir e falar sobre um mesmo assunto sob vários pontos de vista – talvez contrários, mas abertamente declarados. No entanto, essa liberdade de expressão nos coloca frente a várias contradições – que apesar do otimismo do presente texto, não nos permite, ainda, expressar livremente *tudo* o que quisermos. Uma dessas contradições está no orgulho que se tem de estudar em uma universidade pública e o repúdio de se encontrar num ensino médio, também público. Chamemos, a partir daqui, a universidade pública de 3º grau público e o ensino médio público de 2º grau público.

Partindo da afirmativa acima, podemos pensar na seguinte situação: um sujeito que saiu do 2º grau público e está, hoje, no 3º grau público. Esse sujeito, que outrora já foi uma exceção muito mais ao pé da letra, vem conquistando cada vez mais espaços e cadeiras das universidades públicas do nosso país. Não nos esqueçamos das universidades particulares, mas não as abordaremos neste texto.

Levando-se em conta o exposto acima, penso que poderíamos eleger os nossos cursos de Arquivologia como um dos que vem abrindo portas do 3º grau público para oriundos do 2º grau público.

Talvez possamos chegar a um consenso sobre o que esse sujeito (o oriundo do 2º grau público) e seus demais colegas precisam saber ao estarem formados em Arquivologia (pelo 3º grau público): ele tem que saber *organizar* arquivos (o que não pode ser comparado com *arrumar* arquivos); saber, no mínimo, o idioma inglês (o que é uma exigência do mercado de profissões); deve agir politicamente (ou seja, saber se colocar, com comportamentos e argumentos, de forma a transpor obstáculos e conquistar objetivos), ter um conhecimento amplo e interdisciplinar (assim como o idioma, este requisito pode vir como “bagagem” dos aprendizados

pretéritos do estudante); e, por fim, colaborar com o desenvolvimento da própria área.

Vou me ater a alguns dos pontos citados. Primeiro, seleciono os seguintes: saber inglês, agir politicamente e ter um conhecimento amplo e interdisciplinar. Todos esses são requisitos que podem ter sido desenvolvidos até antes da entrada desses estudantes no curso superior, ou, simplesmente não. Mas por que pensar sobre isso? Pois o aprendizado pregresso do estudante colabora, significativamente, com seu desenvolvimento no curso superior de graduação, assim como colabora para o desenvolvimento da própria área.

Pensemos no *nó* do problema, que na verdade se chama *ensino médio público*, para que possamos pensar sobre o papel do *ensino superior público*. Bem, agora acho consegui que “traduzir” meu pensamento.

Para se atravessar à ponte que vai do 2º grau público ao 3º grau público, hoje, na grande maioria das vezes, temos que “pagar pedágios”. Às vezes muito caros.

E aquele sujeito que conseguiu atravessar a ponte (sem caros pedágios!) com grandes esforços e diversas defasagens. Este, penso eu, não pode desistir, nem ao menos retardar seu desenvolvimentos intelectual, já tão defasado. Em contrapartida, também não deve ser nem aceitar ser subjugado perante outros que, na maioria das vezes com maior facilidade, galgaram seu lugar ao sol.

Qual seria, portanto, o papel das universidades públicas frente tal problema? Ela deve dar atenção para o caminho que parece ser o mais natural para um desavisado: ora, alguém que começa seus estudos no ensino público deveria ter, no mínimo, condições de continuar sua trajetória educacional nele.

Para isso, o papel de uma universidade pública frente essa questão deve ser o de cobrar o aprendizado, bem como fornecer condições para que isso aconteça. Porém, para que um estudante possua os requisitos mínimos para uma boa formação, ela deve voltar suas atenções para os problemas de defasagem do 2º grau público, bem como fornecer meios para que aqueles que se apresentam com dificuldades possam, enfim, serem priorizados.

Segundo um artigo vinculado no jornal O Globo, publicado no site da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, com o investimento público de 4,4% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação, o Brasil aplicava 6,7 vezes mais em alunos do ensino superior do que do nível básico, em 2006, segundo

estudo divulgado pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad. Ele enfatizou que, em 2002, a diferença era de 10,1 vezes. (*O Globo Online – Educação – artigo de 29/10/2008 – tirado do sítio <<http://www.andifes.org.br>> Acesso em: 5/6/2011*). Portanto, as diferenças podem ser vistas através destes valores.

Em suma, é preciso que busquemos (dentro das nossas possibilidades) melhorar as condições de ensino público *como um todo*, concluindo que essa discussão aponta questões como melhoria de salários (principalmente para o 2º grau público), bem como mais verbas públicas para a educação (que muitos defendem que deve ser de 10% do PIB), etc.

**Por Bruno Ferreira Leite
6º Período – Arquivologia/UNIRIO*

RAPIDINHAS

XV ENEArq 2011

Desta vez, o Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia acontecerá na Paraíba, entre os dias 18 e 23 de julho de 2011, e será realizado na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

As inscrições vão de R\$ 50,00 a R\$ 100,00. Isso para quem não é estudante da UEPB. Fiquem ligados, pois o envio de resumo é válido até o dia 16/4/2011.

Para mais informações, acesse o Blog do evento: <http://xvenearq.blogspot.com/>

Fonte: <http://xvenearq.blogspot.com/>

PROJETO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DE ARQUIVOS ESTÁ EM CONSULTA PÚBLICA

O Comitê de Elaboração do projeto para realização da I Conferência Nacional de Arquivos - CNARQ, instituído pela Portaria MJ nº 227, de 4 de março de 2011, publicada no DOU do dia 9 do mesmo mês, entregou ao Ministro de Estado da Justiça, José Eduardo Cardozo, em cerimônia realizada no dia 17 de maio na Sede do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, o Projeto da 1ª CNARQ, precedida de Conferências Regionais.

Por determinação do Ministro Justiça, o CONARQ põe em consulta pública o projeto da 1ª CNARQ. As sugestões da Comunidade deverão ser

enviadas, até a data de 3 de junho às 17 horas, para o e-mail:

cnarq-consultapublica@arquivonacional.gov.br
cnarq-consultapublica@arquivonacional.gov.br

Após a consolidação das sugestões recebidas, o Plenário do CONARQ, discutirá a versão final do Projeto para homologação e envio ao Ministro de Estado da Justiça para sua aprovação e providências junto ao Ministério da Justiça para sua realização.

Os documentos citados acima, estão disponíveis no site do CONARQ, no endereço: www.conarq.arquivonacional.gov.br <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/>>.

Fonte: Coord. Curso de Arquivologia
<ccarquivologia@furg.br>

FÓRUM NACIONAL DOS ARQUIVOS MUNICIPAIS

Confira o site do encontro de profissionais de Arquivos Municipais do Brasil:

<http://www.arquivosmunicipais.com.br/>.

Será de 15 a 16 de setembro de 2011 - Vitória-ES

Fonte:

<http://www.arquivosmunicipais.com.br/index.html>

MONOGRAFIAS, SAIAM DAS GAVETAS!

Sem enrolar: estamos convidando a TODOS! que estão concluindo ou concluíram o curso recentemente a nos enviar um artigo, de no máximo duas laudas, sobre o assunto tratado em suas monografias.

Portanto, contribuam com o nosso jornal e exponham suas monografias aos leitores da área de Arquivologia. Vamos lá, participe!

INTERAÇÃO COM O LEITOR

Mande sua mensagem, crítica ou sugestão para o e-mail:
inspiracaom@gmail.com

Obs.: Este espaço é destinado a textos curtos. Caso queira nos enviar um artigo, crônica, poesia, etc. leia antes a nossa linha editorial no site:

<http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Aguardamos a sua participação!